

MUSEU DE ARTE SACRA

O Museu de Arte Sacra de São Paulo é fruto de um convênio celebrado entre o Governo do Estado e a Mitra Arquidiocesana de São Paulo, em 28 de outubro de 1969 e sua instalação data de 29 de junho de 1970. A partir desta data, o Museu de Arte Sacra de São Paulo passou a ocupar a ala esquerda térrea do Mosteiro de Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Luz e a antiga Casa do Capelão, antes administração, e onde, desde 1999, está exposto o acervo de presépios do museu.

A parte mais antiga do complexo foi construída sob orientação de Frei Antônio de Santana Galvão para abrigar o recolhimento das irmãs concepcionistas, função esta que também se mantém até hoje.

O acervo do museu começou a ser formado por Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro arcebispo de São Paulo, que a partir de 1907 começou a recolher imagens sacras de igrejas e pequenas capelas de fazendas que sistematicamente eram demolidas após a proclamação da República. Na década de 1970, foi possível ampliar significativamente esse acervo.

Atualmente, as principais atribuições do Museu de Arte Sacra de São Paulo são: recolher, classificar, catalogar e expor convenientemente objetos religiosos cujo valor estético ou histórico recomende a sua preservação; expor permanente, pública e didaticamente seu acervo; promover o treinamento, a capacitação profissional e a especialização técnica e científica de recursos humanos necessários ao desenvolvimento de suas atividades; incentivar e apoiar a realização de estudos e pesquisas sobre arte sacra e história da arte; promover cursos regulares, periódicos ou esporádicos de difusão, extensão e de treinamento sobre temas ligados a seu campo de atuação.

EXPOSIÇÕES EM CARTAZ

ADÁGIO

O **Museu de Arte Sacra de São Paulo – MAS/SP**, instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, inaugura “*Adagio*”, do artista visual paulistano **Allann Seabra**, sob curadoria de **Bianca Boeckel**. Inspirado no andamento musical lento *adagio* – a que faz referência tanto pelo tempo necessário para que o material utilizado (aço) se corroa e adquira a estética desejada, como pelo ritmo de produção das peças -, o artista apresenta esculturas e *site specific* em aço corten -, as quais abordam questões de uma memória afetiva, da infância e do tempo.

A música é uma arte muito presente na vida de **Allann Seabra** desde criança, sendo também sua primeira formação acadêmica, antes das artes visuais. Criado em torno de uma fábrica da família, o artista utilizava aço que seria revendido como sucata para criar suas primeiras esculturas, ressignificando o material. Nesse sentido, a nova exposição temporária da **Sala MAS/Metrô Tiradentes** exibe uma produção derivada desta memória afetiva, de algo que não teria mais uso. “*A estética industrial desta sala expositiva faz a obra voltar às suas origens, retira o artista de uma memória da infância e o insere em um ambiente no qual se sente confortável para voltar a esse tempo e produzir*”, comenta a curadora **Bianca Boeckel**.

Em “*Adagio*”, **Allann Seabra** expõe obras antigas – algumas emprestadas de coleções particulares, como os “*Losangos*” -, esculturas e um *site specific* inéditos, produzidos especialmente para esta individual, além de uma torre em aço corten que ocupará um dos jardins do **MAS/SP**. *O site specific será feito na sala do metrô, com tramas de aço corten. Nos jardins do MAS serão expostas algumas esculturas, ainda a serem definidas, fazendo uma comunicação dos dois jardins com a sala Tiradentes do metrô. Todas as peças são de aço corten.*

Sobre o processo criativo, o artista respeita o tempo da execução, que é relativamente lento como no andamento *adagio*. Em suas palavras: “*Não faço croqui, simplesmente pego o material – geralmente uma chapa de aço – e vou moldando, testando tanto limites do corpo (força) como da matéria (resistência)*”. Para a curadora, pensamento e execução estão juntos neste processo: “*O artista não tem uma ideia e segue um rascunho; ele respeita a matéria prima e o seu tempo. É a vontade dele a favor do tempo que a peça precisa para estar pronta. Assim como no trabalho de um músico, pensamento e ação se passam em conjunto, através de uma inspiração que vem de dentro, sem forma predefinida*”.

A expografia da mostra se baseia na musicalidade do artista e propõe destacar o movimento das peças: começam dentro de nichos e de uma vitrine fechada, e ultrapassam esses limites físicos, usando a personalidade do metal em prol da obra em conjunto. Nos dizeres de **Bianca Boeckel**: “*A leveza do resultado final dialoga com a rigidez do aço, unissonante. A obra avança, domina, se faz expressão maciça em alto volume. É música para os olhos: enxergamos sua presença, mas não a escutamos*”.

Exposição: “Adagio”

Artista: Allann Seabra

Curadoria: Bianca Boeckel

Abertura: 25 de janeiro de 2019, sexta-feira, às 11 horas

Período: 26 de janeiro a 23 de março de 2019

EXPOSIÇÕES EM CARTAZ

“O Sagrado na Arte Moderna Brasileira” reúne um conjunto expressivo de artistas cujas obras possuem poéticas que aludem à fé e à religião, de modo claro e explícito ou por meio de metáforas

Peças expostas podem ser divididas entre os artistas modernos – Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Ismael Nery, Cândido Portinari, entre outros -, os populares, entre eles José Antonio da Silva, Agostinho Batista de Freitas, Antonio Poteiro; e artistas contemporâneos, como Alex Flemming, Nelson Leirner e Oskar Metsavaht

O Museu de Arte Sacra de São Paulo – MAS-SP, instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, exhibe “O Sagrado na Arte Moderna Brasileira”, com obras de Agostinho Batista de Freitas, Alberto Guignard, Aldo Bonadei, Alex Flemming, Alfredo Volpi, Anita Malfatti, Antonio Poteiro, Arcângelo Ianelli, Cândido Portinari, Carlos Araújo, Clóvis Graciano, Cristina Barroso, Eric Marcier, Fé Córdula, Fúlvio Pennacchi, Galileu Emendabili, Glauco Rodrigues, Ismael Nery, José Antonio da Silva, Karin Lambrecht, Marcos Giannotti, Mestre Expedito (Expedito Antonio dos Santos), Mick Carniceli, Miriam Inês da Silva, Nelson Leirner, Nilda Neves, Oskar Metsavaht, Paulo Pasta, Raimundo de Oliveira, Raphael Galvez, Rosângela Dorazio, Samson Flexor, Sérgio Ferro, Siron Franco, Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Victor Brecheret e Willys de Castro, sob curadoria de Fábio Magalhães e Maria Inês Lopes Coutinho. A mostra expõe cerca de 100 obras – entre esculturas, desenhos, gravuras e pinturas – que formam um conjunto expressivo de artistas cujas produções abordam poéticas que aludem à fé e à religião, algumas de modo claro e explícito, outras, por meio de metáforas.

Até 1808, a temática religiosa dominou por completo a produção artística no país, entre o período que engloba o século 16 até a primeira década do século 19 – com exceção das obras de Franz Post e Albert Eckhout, que retrataram a paisagem, a flora, a fauna, a dança dos índios Tapuias, os tipos humanos e os empreendimentos açucareiros em Pernambuco. A partir de 1808, com a chegada da família real ao Brasil, os temas profanos passaram a ser adotados pelos artistas brasileiros, e algumas décadas depois já prevaleciam nas artes plásticas em nosso país. “No século XIX, com a presença da missão francesa de arquitetos e artistas no Brasil, também ocorreu a representação do país e de sua sociedade por artistas como Debret e Taunay, entre outros. No correr do segundo império os temas das pinturas brasileiras serão sobre tudo patrióticos. Com o advento da semana de Arte moderna em 1922, inverteu-se a situação com o predomínio do profano e nossos modernistas e depois nossos contemporâneos se fizeram conhecidos do grande público por obras que não expressavam o sentimento religioso”, comenta o diretor executivo do MAS-SP, José Carlos Marçal de Barros.

Este conjunto de obras que compõem a nova mostra temporária do MAS-SP pode ser dividido entre os artistas modernos – Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Vicente do

Rego Monteiro, Ismael Nery, Cândido Portinari, entre outros -, os populares – entre eles José Antonio da Silva, Agostinho Batista de Freitas, Antonio Poteiro – e os artistas contemporâneos, como Alex Flemming, Marcos Giannotti, Nelson Leirner, Oskar Metsavaht, entre outros. Nos dizeres de Fábio Magalhães e Maria Inês Lopes Coutinho: “Os modernistas foram, antes de tudo, transgressores e não apenas na expressão artística, também adotaram novos modos de vida, muitos deles, incompatíveis com os hábitos da sociedade brasileira, ainda fortemente rural. Influenciados pela grande metrópole francesa que vivia sua ‘folle époque’, esses jovens transgressores trouxeram novas ideias que tumultuaram os costumes até então estabelecidos na conservadora sociedade brasileira”.

A expressão do artista popular parte na maioria das vezes de experiências vividas, das crenças, dos rituais e das festas da sua comunidade. Procissões, as festas juninas, tão populares no Nordeste, e o folclore regional nutrem, muitas vezes, os temas religiosos. Em relação à arte contemporânea, os curadores destacam a presença não rara do tema religioso, “se o entendemos como manifestação de poéticas do sagrado, do sobrenatural, como forças da natureza que inquietam a cultura, ou mesmo os aspectos intangíveis que pressentimos nas coisas e nas pessoas, ou como apropriação de símbolos consagrados”. “Lograram o magnífico resultado que o Museu de Arte sacra apresenta nesta mostra, pois todos e cada um de nossos grandes artistas continuaram mantendo dentro de si a antiga religiosidade com que conviveram desde a sua infância”, conclui José Carlos Marçal de Barros.

Exposição: “O Sagrado na Arte Moderna Brasileira”

Artistas: Agostinho Batista de Freitas, Alberto Guignard, Aldo Bonadei, Alex Flemming, Alfredo Volpi, Anita Malfatti, Antonio Poteiro, Arcângelo Ianelli, Cândido Portinari, Carlos Araújo, Clóvis Graciano, Cristina Barroso, Eric Marcier, Fé Córdula, Fúlvio Pennacchi, Galileu Emendabili, Glauco Rodrigues, Ismael Nery, José Antonio da Silva, Karin Lambrecht, Marcos Giannotti, Mestre Expedito (Expedito Antonio dos Santos), Mick Carniceli, Miriam Inês da Silva, Nelson Leirner, Nilda Neves, Oskar Metsavaht, Paulo Pasta, Raimundo de Oliveira, Raphael Galvez, Rosângela Dorazio, Samson Flexor, Sérgio Ferro, Siron Franco, Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Victor Brecheret e Willys de Castro

Curadoria: Fábio Magalhães e Maria Inês Lopes Coutinho

Abertura: 25 de janeiro de 2019, sexta-feira, às 11h

Período: 26 de janeiro a 31 de março de 2019